

TRADIÇÃO ORAL E TRADIÇÃO ESCRITA: UMA ANÁLISE TEXTUAL DE NARRATIVA POPULAR DA REGIÃO AMAZÔNICA

Viviane Braz Nogueira ¹
Valdir Vegini ²

RESUMO. O presente trabalho teve por objetivo: a) descrever e analisar uma narrativa popular de cunho oral e escrito sob o ponto de vista dos conhecimentos da Linguística Textual, com enfoque nos mecanismos de textualidade utilizados pela informante; b) mostrar uma análise linguística textual sem a pretensão de torná-la única, mas com a intenção de contribuir para possíveis olhares críticos nas marcas linguísticas de um texto narrativo popular. O foco da análise linguística levou em conta os fatores lingüísticos da coesão, da coerência e o extralingüístico da intertextualidade com base teórica em autores como Beaugrande & Dressler (1981), Bayard (1957), Cardoso (2003), Costa Val (1999), Fávero e Koch (2008), Koch e Travaglia (1996), Kristeva (1986, 1974), entre outros. O corpus da pesquisa contém uma narrativa popular contada e escrita por uma informante de cinquenta e oito (58) anos, nascida e criada no município de Humaitá-AM. Da análise linguística, propriamente dita, verificou-se uma maior incidência de recursos de coesão referencial e coesão sequencial, coerência interna e coerência externa e intertextualidade implícita. Ao par disso, constatou-se a importância do resgate das narrativas orais e escritas existentes no imaginário popular como meio de comunicação, informação e conhecimento da memória e da cultura de um determinado povo. Observou-se também que as narrativas populares orais e escritas constituem um material riquíssimo para análise textual uma vez que, para a sua produção, são utilizadas diversas formas de linguagem que se entrelaçam e produzem um mosaico de efeitos e sentidos inesperados.

Palavras-chave: Linguística Textual; Narrativa Popular Oral e Escrita; Coesão, Coerência e Intertextualidade; Textualidade

ABSTRACT. This study aimed to: a) describe and analyze a popular narrative of stamp oral and written from the point of view of textual knowledge of linguistics, focusing on mechanisms used by the informant textuality b) show a linguistic textual analysis without desire to make it unique, but with the intent to contribute to possible critical attention in the linguistic traces of a popular narrative text. The focus of linguistic analysis took into account the linguistic factors of cohesion, coherence and intertextuality extralinguistic theoretical basis as authors Beaugrande & Dressler (1981), Bayard (1957), Cardoso (2003), Costa Val (1999), Favero and Koch (2008), Koch and Travaglia (1996), Kristeva (1986, 1974), among others. The research corpus contains a popular narrative told and written by an informant of fifty-eight (58) years old, born and raised in the city of Humaita-AM. Of linguistic analysis, itself, there was a higher incidence of features of cohesion and referential cohesion sequential, internal consistency and external coherence and intertextuality implied. In addition, noted the importance of the redemption of existing written and oral narratives in the popular imagination as a means of communication, information and

knowledge of memory and culture of a particular people. It was also noted that the popular oral and written narratives constitute a rich material for textual analysis since, for its production, are used various forms of language that intertwine and produce a mosaic of effects and unexpected directions.

Keywords: Textual Linguistics; Popular Oral and Narrative Writing; Cohesion, coherence and Intertextuality; Textuality.

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, as discussões, no que se refere ao texto e a produção textual, remontam basicamente a aspectos ligados às teorias da Linguística Textual. É sob esse viés que o presente artigo foi elaborado e, por conta disso, seus objetivos são dois: a) descrever e analisar uma narrativa popular de cunho oral e escrito com enfoque nos mecanismos da textualidade, em especial nos aspectos linguísticos – coesão e coerência e no aspecto extralinguísticos da intertextualidade; b) apresentar uma análise linguística textual sem a pretensão de torná-la única, mas apenas contribuir para possíveis olhares críticos nas marcas linguísticas de um texto narrativo popular.

Para alcançar esses objetivos, a abordagem da Linguística Textual apresenta-se como um ferramental apropriado porque permite o estudo e a compreensão tanto de textos orais quanto de textos escritos uma vez que teorias linguísticas até então não contemplavam esses elementos. Já as narrativas populares orais e escritas constituem um material riquíssimo para análise textual uma vez que se utiliza de diversas formas de linguagem, que se entrelaçam, e produzem um mosaico de efeitos e sentidos esclarecedores.

Segundo Platão e Fiorin (2003, p. 28) “para entender com mais eficácia o sentido de um texto, é preciso verificar as concepções correntes na época e na sociedade em que foi produzido”.

Este é um tema instigante, porque, além de, tratar de aspectos da L.T, retratam o imaginário popular como meio de comunicação, informação e conhecimento da memória e da cultura de um determinado povo, pois, podemos observar suas vidas, seus costumes, suas crenças, seus desejos e suas lutas.

Esse estudo buscou suporte teórico em reflexões e leituras de diversos autores como Antunes (1996), Beaugrande & Dressler (1981), Bakhtin (2000), Bayard (1957), Cardoso (2003), Costa Val (1999), Câmara Cascudo (1976), Elíade

(1986), Fávero e Koch (2008), Koch e Travaglia (1996), Kristeva (1986, 1974), e Platão e Fiorin (2003) e em Vegini & Vegini (2010), em seu artigo “Fatores Linguísticos e Extralinguísticos em um Texto Produzido por Aluna do Quarto Ano do Ensino Fundamental I”.

Vislumbra-se, assim, a existência de uma cultura popular que é plural em si mesma, e que deve ser pesquisada e entendida, pois, certamente, configura, também, aspectos peculiares no que diz respeito à cultura desse povo.

2. AS NARRATIVAS POPULARES

Os homens se comunicam por meio da fala e da escrita mostrando sua cultura, suas crenças e seus costumes. O ser humano acumula conhecimentos, saberes e valores que recebe de seus antepassados, assim, o homem conserva, modifica, enriquece a herança cultural que foi transmitida por seus ancestrais.

As narrativas populares são transmitidas principalmente por meio da oralidade, entretanto, a forma escrita também é utilizada para que essa cultura seja perpetuada e transmitida aos seus descendentes. Dessa forma temos as lendas, os mitos, as fábulas, os causos, as anedotas, entre outros.

Este trabalho se aterá aos aspectos lendários ou míticos de uma narrativa popular. A lenda e o mito são considerados como fenômenos de popularidade. Bayard (1957, p. 9) afirma que essas narrativas são muito importantes, pois, “ela exara a vida do povo, comunica-lhe um ardor de sentimentos que nos comove mais do que a rigidez da história cronológica de fatos consignados”.

A lenda é conceituada como narrativa de um fato histórico aumentada pela imaginação e pela fantasia de um determinado povo como afirma Luís Câmara Cascudo (1976, p. 378) no Dicionário do Folclore Brasileiro:

As lendas são episódio heróico ou sentimental com elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral e popular, localizável no espaço e no tempo. De origem letrada, lenda, legenda, “legere” possui características de fixação geográfica e pequena deformação e conserva-se as quatro características do conto popular: antiguidade, persistência, anonimato e oralidade. É muito confundido com o mito, dele se distância pela função e confronto. O mito pode ser um sistema de lendas, gravitando ao redor de um tema central com área geográfica mais ampla e sem exigências de fixação no tempo e no espaço.

Já o mito tem um apelo sobrenatural, ou seja, não deriva de nenhum acontecimento. O mito de um lado é fato, crença, de outro é narrativa e literatura oral. É a crença que o distingue das fábulas, contos, lendas e outras narrativas.

Segundo Eliade (1986, p. 11):

[..] o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito como, graças às façanhas dos entes Sobrenaturais, uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala do que realmente ocorreu do que se manifestou plenamente.

Assim, no contexto amazônico do município de Humaitá-AM espaço escolhido para este estudo é comum mostrar o lugar de quem se divide entre a floresta e os rios e convive com um mundo fantástico de seres encantados como o boto, a cobra grande, a mãe d’água, o curupira, o mapinguari, entre outros.

Verifica-se que os mitos, as lendas e as narrativas populares não apenas narram a origem de algo, mas também como afirma Eliade (1986, p. 16) relatam “todos os acontecimentos primordiais em consequência dos quais o homem se converteu no que é hoje”.

3. A LINGUÍSTICA TEXTUAL E A TEXTUALIDADE

3.1 LINGUÍSTICA TEXTUAL

A Linguística Textual constitui-se no ramo da Lingüística que surgiu a partir da década de 60 na Europa Central com estudos que abordavam somente o texto escrito, assim como os fatores linguísticos que levavam a sua compreensão e recepção. Já no final da década de 70 o enfoque deixa de ser a competência textual e o que passa a ser considerada é a textualidade estabelecida por Beaugrande e Dressler (1981).

Na década de 90 a Linguística Textual e os mais diversos segmentos da linguística como, a Sociolinguística, a Pragmática, a Análise do Discurso, Análise da Conversação tomam um novo rumo com o surgimento do interacionismo. Os

interesses e objetivos da L. T foram ampliados e atualmente tratam tanto dos textos escritos quanto dos textos orais.

Marcuschi (2008, p. 73) define a L. T como “estudo das operações linguísticas, discursivas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção e processamento de textos escritos ou orais em contextos naturais de usos”.

Segundo o referido autor (2008, p. 73) a L. T tem como premissa o fato “de que a língua não funciona nem se dá em unidades isoladas, tais como os fonemas, os morfemas, as palavras ou as frases soltas. Mas sim em unidades de sentido chamadas de texto, sejam eles textos orais ou escritos”. Dessa forma, a Linguística Textual não tem como objeto de estudo e investigação só a palavra ou a frase isolada, mas o texto em seu todo.

Nessa perspectiva, a Linguística Textual assume seu aspecto interdisciplinar e passa a considerar o texto como resultado de um processo de interação de redes de elementos sociais, cognitivos e linguísticos.

Como Koch (2003, p. 10) afirma:

Em sua inter-relação com outros sujeitos, sobre a influência de uma complexa rede de fatores, entre as quais a especificidade da situação, o jogo de imagens recíprocas, as crenças, as convicções, atitudes dos interactantes, os conhecimentos (supostamente) partilhados, as expectativas mútuas, as normas e as convenções sócio-culturais.

Portanto, a Linguística Textual observa a língua em uso e tem contribuído significativamente com seu escopo voltado para o texto e a construção de sentido do mesmo, postulando assim, grandes avanços no campo da textualidade. Assim passou-se a definir texto como um processo em construção e não como algo pronto e acabado.

3.2 O TEXTO

O texto escrito ou oral é conceituado por Costa Val (1999, p. 33) como uma “unidade comunicativa básica” utilizada pelas pessoas para se comunicarem umas com as outras. Além disso, para o texto ser compreendido faz necessário que ele possua três aspectos básicos: o pragmático, o semântico-conceitual e o formal.

Nessa Perspectiva, Fávero e Koch (2008, p. 26) afirma que o texto tem duas acepções:

[...] texto, em sentido lato, designa toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano, [...] Nesse sentido, o texto consiste em qualquer passagem, falada ou escrita, que forma um todo significado, independente de sua extensão. Trata-se, pois, de uma unidade de sentido, de um contínuo comunicativo contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela tessitura do texto - os critérios ou padrões de textualidade, dentre os quais merecem destaque especial a coesão e coerência.

Assim sendo, a tessitura do texto é dotado de fatores de textualidade que são de suma importância para o que o texto não seja um amontoado de frases desconexas. Também no entender de Koch & Travaglia (1996 p. 14) “o texto é muito mais que a simples soma das frases e palavras que a compõem: a diferença entre frase e texto não é meramente de ordem quantitativa, mas de ordem qualitativa”.

Assim, o texto é um todo significativo e comunicativo no qual se encontram sete fatores de textualidade que são: Os Fatores Linguísticos - coesão, e coerência e os Fatores extralinguísticos - intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade e intertextualidade.

Vale lembrar que de ponto de vista do imaginário popular, da cultura e da memória o texto nunca está pronto, uma vez que o leitor interfere na produção textual fazendo análises, recortes e construções como forma de atender as suas necessidades e aos seus interesses.

3.3 A COESÃO

No entender de Antunes (1996, p. 38) coesão é:

Um fenômeno que concerne à organização dos elementos na superfície do texto, de modo a promover e a indicar a continuidade das ocorrências verbais, em correlação com a continuidade, progressão e unidade semântica subjacentes e, ainda, em interação com outras propriedades da textualidade.

Ela se manifesta por meio de marcas linguísticas presentes nos textos. Essas marcas irão garantir que ele tenha sequência, continuidade e sentido, o que

permitirá ou não a interpretação dessa produção textual com interação nos elementos de textualidade.

A coesão possui dois grandes grupos: a coesão referencial (referencia a elementos anteriores) e a coesão seqüencial (continuidade de sentidos). De acordo com Koch (2002, p. 31) coesão referencial “é aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual”. Koch (2002, p.53) também conceitua coesão sequencial como “procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto [...] diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à medida que se faz o texto progredir”.

Para Beaugrande (1981) é a interação entre a coesão e os outros padrões de textualidade fazem com que a comunicação seja eficiente, assim sendo, coesão é a maneira como os componentes se revelam na superfície do textual. As palavras ouvidas ou lidas estão ligadas por um encadeamento, ou seja, a coesão é “manifestação linguística da coerência”, além disso, os componentes do texto dependem das formas e convenções léxico-gramaticais, sentidos e usos.

3.4 A COERÊNCIA

A Coerência é responsável pelo sentido do texto, uma vez que a interpretação do mesmo depende do conhecimento partilhado pelos interlocutores. Um texto não existe em si mesmo, ele vai ser construído por meio da relação emissor-receptor-mundo. A coerência é a configuração do conhecimento ao qual recorreremos mentalmente.

Beaugrande & Dressler e Marcuschi apud Koch (2002, p.26) afirmam que “se há uma unidade de sentido no todo do texto quando esse é coerente, então a base da coerência é a continuidade de sentidos entre os conhecimentos ativados pelas expressões do texto”.

Assim, ao compreender o texto como unidade de sentido ressalta-se que a coerência é a principal responsável pela interpretabilidade, no entanto, percebe-se que coesão e coerência estão intimamente ligados no processo de produção e compreensão da produção textual.

Bernadez (apud Koch, 2002, p. 42) salienta que:

[...] o texto não é coerente porque as frases que o compõem guardam em si determinadas relações, mas estas relações existem precisamente devido a coerência do texto. A relação entre coesão e coerência é um processo de mão dupla: na produção do texto se vai da coerência (profunda), a partir da intenção comunicativa, do pragmático até o sintático, ao superficial e linear da coesão e na compreensão do texto se percorre o caminho inverso das pistas lingüísticas na superfície do texto à coerência profunda.

Apesar da coesão e da coerência terem atribuições diferentes, segundo Costa Val (1999, p. 7) “a característica de promover a inter-relação semântica ente os elementos do discurso, respondendo pelo que se pode chamar de conectividade textual. A coerência diz respeito ao nexos entre os conceitos e a coesão, à expressão desse nexos no plano.”

3.5 A INTERTEXTUALIDADE

A intertextualidade diz respeito aos fatores que tornam a interpretação de um texto dependente da explicação de outros. Koch (2002, p. 145-146) define a intertextualidade como a “presença do outro naquilo que escrevemos”, ou seja, a intertextualidade é a relação com outros conhecimentos, com outros textos. O sentido do texto só poderá ser apreendido pelo leitor, caso o mesmo possa relacioná-lo com outros textos já vividos ou lidos.

Kristeva (1974, p. 39) expõe que ‘a intertextualidade implica inserção da história em um texto e deste texto na história’, ou seja, tudo o que falamos ou escrevemos já foi lido ou escrito por outras pessoas em um outro tempo ou momento.

Cardoso (2003, p. 61) explicita que a intertextualidade pode ser explícita ou implícita:

A intertextualidade é explícita quando é feita a citação da fonte do intertexto (discurso relatado, citações de referências, resumos, tradições, etc.), sendo implícita quando cabe ao interlocutor recuperar a fonte na memória para construir o sentido do texto (é o caso das alusões, da paródia, certas paráfrases, certos casos de ironia).

O texto possui sua existência delimitada pelo olhar e recriação do leitor, ele não acontece no vazio e se relaciona com outros que já foram produzidos, portanto a intertextualidade sempre enriquece a compreensão textual.

4. A METODOLOGIA

O corpus da análise, uma narrativa popular contada e transcrita, foi obtido junto a uma informante de 58 anos, nascida e criada no município de Humaitá-AM. Esta localidade exibe uma diversidade cultural intensa, que reúne o espírito religioso, mítico e fantástico de sua população formada por um grande contingente de migrantes e que hoje lhe dão esse caráter multicultural. A coleta foi realizada, num primeiro momento, através de uma conversa informal. Nesse estágio, foram ouvidas várias histórias sobre curupiras, botos, mãe d'água, mapinguari e curiosos relatos sobre a vida nos seringais, na floresta e comunidades ribeirinhas. Num segundo momento, foi solicitado que a informante escrevesse a história que mais gostasse. Disso resultou o texto “A menina encantada”, transcrito a seguir.

A análise da narrativa foi realizada com base nos princípios da Linguística Textual, os linguísticos e os extralinguísticos, presentes, principalmente, nos estudos realizados por Antunes (1996), Beaugrande & Dressler (1981), Bakhtin (2000), Bayard (1957), Cardoso (2003), Costa Val (1999), Câmara Cascudo (1976), Elíade (1986), Fávero e Koch (2002), Koch e Travaglia (1996), Kristeva (1986, 1974), Platão e Fiorin (2003) e Vegini & Vegini (2010).

4.1 CORPUS DA ANÁLISE:

A Menina Encantada

01. Descendo o rio Ipixuna braço do Tapauá tinha um lugar chamado Ilha
02. Bela, dava-se este nome porque era realmente uma ilha bastante bonita.
03. Lá vivia um casal de agricultor que tinha sete filhos, sendo três homens e
04. quatro mulheres, estes cresceram casaram-se construíram suas
05. casinhas ali mesmo na ilha perto de seus pais, onde a cultivavam e tiram
06. seus sustentos.
07. A ilha no inverno alagava e as águas ficam bem pertinho de suas
08. casas e eram de pequena fundura, no verão as secavam e ficava um
09. pequeno barranco, onde pertos de suas encostas as famílias faziam
10. bancos para a tardinha e a noite sentar-se, contar estórias e admirar o
11. céu estrelado.
12. Uma filha de um certo casal da ilha diziam que era a mocinha mais
13. bonita daquelas bandas, sumiu sem que ninguém conseguisse achá-la,
14. procuraram por vários dias e da foi encontrado. A mãe desesperada,
15. todas as tardes e a noite ia sentar-se no banco para chorar a saudade da
16. filha desaparecida. De tanto chorar sonhou com a filha dizendo que a
17. mesma não tinha morrido, e sim levada por uma moça bonita que usava
18. uma coroa de brilhante na cabeça, e que toda boca da noite vinha ver

19. sua mãe de longe só que não dava pra voltar porque já tinha criado guelras, não precisava se preocupar pois ela era muito querida no fundo do rio com as amigas que de vez em quando viravam cobras e iam passear em outros lugares.

5. ANÁLISE DO TEXTO NA PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA TEXTUAL

É através das narrativas orais e escritas que se perpetuam os saberes dos seres humanos. Elas mostram a cultura, a região, a memória, os fatos e os eventos de um determinado povo.

O texto da informante será analisado levando em conta os fatores linguísticos da coesão e coerência e os fatores extralinguísticos da intertextualidade.

5.1 FATORES LINGUÍSTICOS

O texto em análise apresenta recorrência de mecanismos de coesão referencial que é aquela que marca o retorno e faz remissão ou referência a um ou mais elementos ao longo do texto bem como coesão sequencial, que diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem o encadeamento entre os elementos textuais e o fazem progredir.

O texto da informante contém os seguintes recursos coesivos referenciais:

- a) Pronomes: este (linha 2) referindo-se ao nome da ilha (Ilha Bela); Estes (linha 4) reportando-se aos filhos do casal; as (linha 7) referindo-se as águas da ilha; mesma (linha 14), ela (linha 17) remetendo-se a filha desaparecida do casal.
- b) Advérbios: lá (linha 2); bastante (linha 20); ali (linha 4); bem (linha 6); já (linha 17), garantem idéia de lugar, intensidade e tempo o que induz uma melhor compreensão ao texto.

Contém também mecanismos de coesão sequencial que segundo Koch (2002, p. 53) dizem “respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre os segmentos do texto [...], diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à medida que se faz o texto progredir”.

Destacam-se os seguintes elementos sequenciais:

- a) Conjunções e locuções conjuntivas: e (linhas 3, 5, 6, 9, 12,16); porque (linhas 2, 17); onde (linha 4, 7); que (linhas 10, 14, 15, 16, 17), pois (linha 16); de

vez em quando (linha 17), sem que (linha 11). Esses elementos estabelecem relações significativas de lugar, causa, explicação, tempo, entre as orações ou expressões.

- b) Verbos: dava-se (linha 2); sentar-se (linha 9); achá-la (linha 11). A recorrência verbal tem função coesiva neste texto ao indicar ao leitor um relato de “perspectiva retrospectiva, prospectiva”.

A utilização desses diversos tipos de coesão referencial e sequencial mostram ainda que inconscientemente a preocupação da autora em escrever, ou seja, a preocupação de, além de informar, obedecer à norma padrão da Língua Portuguesa. No entanto, a repetição excessiva de alguns conectivos acaba prejudicando a fluidez do texto.

Quanto à coerência textual, Koch (2002, p 21) afirma que ela:

[...] está diretamente ligada à possibilidade de estabelecer um sentido para o texto, ou seja, ela é o que faz com o que o texto faça sentido para os interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação comunicação e à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido deste texto. Este sentido, evidentemente, deve ser do todo, pois a coerência é global.

O objeto de pesquisa possui coerência interna e externa. A primeira é percebida ao se observar a organização formal do texto e os elementos linguísticos que o constituem, uma vez que, apesar de se tratar de narrativa popular ficcional, ela faz sentido porque para a autora se trata de fato real, como ela afirma no seguinte trecho: “De tanto chorar sonhou com a filha dizendo que a mesma não tinha morrido, e sim levada por uma moça bonita que usava uma coroa de brilhante na cabeça, e que toda boca da noite vinha ver sua mãe de longe só que não dava pra voltar porque já tinha criado guelras [...]” (linhas 13, 14, 15, 16 e 17)

Já a segunda, a coerência externa, mostra-se no contexto, por meio do conhecimento de mundo que a autora possui e na aceitabilidade por parte do ouvinte/leitor, pois tanto o produtor quanto o leitor precisam deter o conhecimento sobre lendas, mitos e narrativas populares para interpretarem. O texto vai ser coerente para o leitor quando ele, ao ler o texto, lembrar da lenda da Yara “[...] uma moça bonita que usava uma coroa de brilhante na cabeça [...]” (linha 15) e da cobra grande “[...] de vez em quando viravam cobras e iam passear em outros lugares”

(linhas 18 e 19). A fronteira entre a coerência e a incoerência se dará no processo cooperativo entre o autor e o leitor do texto.

5.2 FATORES EXTRALINGUÍSTICOS

Entre os fatores extralinguísticos, destaca-se a intertextualidade. Segundo Kristeva (1974, p. 64) “todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de outro texto.” Todos sempre falam ou escrevem para alguém em um determinado contexto, e a partir disso conta-se e recontam-se histórias que se ouve a respeito de um determinado fato.

No texto em tela, observam-se várias marcas de intertextualidade. A menina desaparecida havia sido levada “por uma moça bonita que usava uma coroa de brilhante na cabeça” (linhas 14 e 15). Isso, provavelmente, remete o leitor ao imaginário amazônica, à lembrança da Yara, um dos mitos mais conhecidos de toda a vasta região Amazônica. E é uma linda mulher, que exerce grande fascínio nos homens, que não conseguem resistir aos seus encantos e são levados para o fundo das águas. Segundo essa lenda, os que conseguem sobreviver, voltam assombrados falando de riquezas e castelos no fundo do rio. A intertextualidade confirma-se quando a autora conta que a menina não voltava “porque já havia criado guelras” (linha 16), de certa forma uma reinterpretação da Yara, personagem mítica, metade peixe e metade mulher.

Outra referência intertextual encontrada no texto faz alusão à lenda da cobra grande, pois, a filha desaparecida “[...] com as amigas de vez em quando viravam cobras. (linha 18). A Cobra Grande ou Boiúna ou Cobra Norato, entre outros nomes, lenda Amazônica sobejamente conhecida, surgiu em virtude do respeito e do medo aterrador que provocam as serpentes d’água nos ribeirinhos.

Diante de tudo isso, o que se pode observar é que a linguagem seja ela, coloquial ou culta, é sempre fator determinante para a inserção social. Daí a importância das narrativas populares, orais ou escritas, serem estimuladas, conservadas e registradas, pois, através delas é possível demonstrar que os seres humanos, usando de sua competência linguística, fazem o jogo da existência.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro objetivo proposto na introdução deste artigo, o de descrever e analisar uma narrativa popular de cunho oral e escrito sob o ponto de vista da Linguística Textual, com enfoque nos mecanismos da textualidade, em especial nos aspectos linguísticos da coesão e da coerência e nos aspectos extralinguísticos da intertextualidade apresentou os seguintes resultados:

1. Identificação e análise de diversos aspectos da textualidade: elos coesivos referenciais e sequenciais pela utilização de pronomes (este, estes, ela, as), advérbios (lá, bastante, bem, já), conjunções e locuções conjuntivas (e, porque, onde, que, sem que) e verbos (dava-se, senta-se, achá-la).

2. Coerência textual através do processo cooperativo estabelecido entre o locutor e o interlocutor, pois eles definem qual sentido do texto.

3. Forte presença da intertextualidade na medida em que a leitura do texto remete o leitor a conhecimentos guardados na memória ou adquiridos através de outras leituras, conduzindo-o ao mundo lendário e mitológico da Amazônia.

A partir desses resultados, o segundo objetivo, o de contribuir para possíveis olhares críticos nas marcas linguísticas de um texto narrativo popular, mostrou que todos os mecanismos da textualidade são importantes para a compreensão e entendimento de qualquer processo de comunicação, seja ele oral ou escrito. Além de possibilitar o desenvolvimento de diversas abordagens críticas sobre o tema em questão.

Ressalta-se ainda que a linguagem humana, fonte inesgotável de várias interpretações, quando analisada sob a perspectiva dos fatores linguísticos da coerência, da coesão e da intertextualidade, deixa emergir uma riqueza muito grande, permitindo uma interpretação e uma compreensão mais acurada da produção de um texto. Nessa perspectiva, a Linguística Textual tem muito a contribuir para a continuidade e ampliação dessa atividade.

No que diz respeito às narrativas orais e escritas, a análise linguística do relato da informante de Humaitá mostrou um texto comprometido com a rica cultura amazônica, recheado pelo imaginário popular, suas origens, suas crenças e memórias e pelos mistérios da grande floresta tropical humaitaense.

Por fim, como afirma Bakhtin (2000, p. 334 e 329) em suas reflexões sobre linguagem, “O ato humano é um texto potencial e não pode ser compreendido [...] fora do contexto dialógico de seu tempo”. E finaliza que se “não há texto, também não há objeto de estudo e pensamento”.

NOTAS

¹ Aluna do Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM.

² Professor Doutor da Universidade Federal de Rondônia – UNIR, ministrante da Disciplina Língua Textual no Contexto Amazônico.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, M. I. C. M. **Aspectos de Coesão do Texto**. Recife: Ed. Univ. da UFPE, 1996.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 3ª Ed. São Paulo. Editora Martins Fontes, 2000.

BAYARD, Jean-Pierre. **História das Lendas**. Trad. Jeanne Marillier. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1957 [Coleção saber Atual].

BEAUGRANDE, R. & DRESSLER, W. **Introduction to text linguistics**. Londres: Longman, 1981.

CARDOSO, S. H. B. **Discurso e ensino**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 9ª Ed. Brasília: José Olympio, INL, 1976.

COSTA VAL, M da G. **Redação e Textualidade**. São Paulo: Martins fontes, 1999.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Trad. Póla Civelli. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore G. Villaça. **Linguística textual: uma introdução**. 9ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

KRISTEVA, Júlia. **Semiótica - Introdução à semântica**. São Paulo: Perspectiva S.A, 1974.

KOCH, Ingedore G. Villaça & TRAVAGLIA, L. C. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 1996.

_____. **Texto e coerência**. 8ª Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **A coesão textual**. 17ª Ed. São Paulo: Contexto, 2002.

MARCUSHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

PLATÃO, F. S & FIORIN, J. L. **Para entender o texto – leitura e redação**. 16^a Ed. São Paulo: editora Ática, 2003.

VEGINI, V. VEGINI, R. L. **Fatores Linguísticos e Extralinguísticos em um Texto Produzido por Aluna do Quarto Ano do Ensino Fundamental I**. Disponível em: < <http://www.cipedya.com/web/filedetails.aspx?idfile=177297>>. Acesso em: 02 de agosto em 2010.